

“... usa-nos segundo tua vontade!”

—Desafios de nosso tempo¹

Dr. Geni Maria Hoss
August 2019 – 100 Jahre Hörde

Introdução

1 „Apóstolo leigo no espírito da Igreja” hoje

- 1.1 No serviço de uma Igreja em saída missionária
- 1.2 Deus precisa de nós – nós dissemos sim!... como Maria!

2 Instrumentos úteis para uma cultura da vida.

- 2.1 Encontrar as pessoas onde e como vivem!
- 2.2 Imago Dei: „Criado à imagem de Deus” (Gn 1, 27)

3 Ajudar a formar a sociedade de forma decisiva

- 3.1 Comunicação: como uma rede – conectar-nos globalmente!
- 3.2 Sustentabilidade: pensar sustentável – agir sustentável

Considerações finais

Introdução

Na consagração da manhã, do Rumo ao Céu, nós suplicamos diariamente: “Usa-nos segundo a tua vontade!”² No dia de hoje, esta súplica expressa especialmente a disponibilidade de, de coração aberto, deixar-nos enviar mais uma vez com o mesmo espírito e objetivo que moveu os jovens em Hoerde. Desde o início reconhecemos a história pessoal e comunitária como uma grande história de amor de Deus. Assim podemos estar convencidos hoje: Hoerde é um grande e importante passo no longo e valioso caminho da condução divina. Não se pode ver nada do que aconteceu em Hoerde separado daquilo que Schoenstatt já era na época e ainda se tornou posteriormente.

Colocamo-nos mais uma vez à disposição, pois a Igreja em saída missionária precisa de nós para promover uma Cultura da Vida em todas as realidades humanas.

1 „Apóstolo leigo no espírito da Igreja” hoje

O que nos move a nos deixar enviar de novo é aquilo que há 100 anos Fritz Ernst disse em suas palavras de encerramento: “Com a coragem de um Paulo no areópago, nós devemos engajar-nos...”³ Para muitos, a palavra “areópago” pode não ser familiar. Mas ela é muito atual na Igreja e o São João Paulo II nos explica: “O areópago representava, então, o centro da cultura do douto povo ateniense, e hoje pode ser tomado como símbolo dos novos ambientes onde o Evangelho deve ser proclamado.”⁴

Trata-se agora dos novos campos, nos quais o Evangelho deve ser anunciado, no espírito de Schoenstatt. São João Paulo II chama a atenção de que devemos fazer-nos compreensíveis em todos os tempos e culturas. Importante não somente o que anunciamos, mas também como anunciamos para que chegue a todas as realidades humanas e culturas.

1.1 No serviço de uma Igreja em saída missionária

Aqui não se trata de uma grande reflexão eclesiológica, mas de alguns pensamentos sobre a Igreja que são relevantes para o nosso objetivo. Na Constituição Apostólica *Gaudium et Spes* é apresentada sua missão no mundo: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração.”⁵ Porém, ela também é descrita em seu mistério, que confere o verdadeiro sentido para seu agir no mundo:

“Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao género humano e à sua história.”⁶

O Povo de Deus se encontra em peregrinação para a glória do céu. Para tornar compreensível, tanto quanto possível, o seu mistério como Igreja visível e espiritual são apresentados alguns símbolos no Evangelho e em outros contextos, por exemplo: campo, construção, esposa imaculada, entre outros. São diversas expressões, mas que se referem a um único pensamento base da Igreja como Povo de Deus. Se partimos do mistério da Igreja não corremos o risco de considera-la como uma mera sociedade. A dimensão exterior e organizacional da Igreja deve estar a serviço do Povo de Deus.

Por ocasião do Concílio Vaticano II, a Igreja, por assim dizer, se olhou no espelho e se deu conta de que se havia distanciado da comunidade nascente, que é apresentada em Atos dos Apóstolos:

“Perseveravam eles na doutrina dos apóstolos, na reunião em comum, na fração do pão e nas orações. De todos eles se apoderou o temor, pois pelos apóstolos foram feitos também muitos prodígios e milagres em Jerusalém e o temor estava em todos os corações. Todos os fiéis viviam unidos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e os seus bens, e dividiam-nos por todos, segundo a necessidade de cada Um. Unidos de coração frequentavam todos os dias o templo. Partiam o pão nas casas e tomavam a comida com alegria e singeleza de coração.” (At 2, 42-43; 46)

A Igreja é autêntica quando ela vive segundo as características da Igreja nascente, isto é: viver significativamente em cada cultura o ensinamento dos apóstolos, a Eucaristia, a oração e a partilha do pão. São João II escreve: “A Igreja vive da Eucaristia. Esta verdade não exprime apenas uma experiência diária de fé, mas contém em síntese o *próprio núcleo do mistério da Igreja*.”⁷ Nós servimos à Ecclesia de Eucharistia! O modo como servimos pode ser diferente de acordo com a época e a cultura, porém o centro, a partir do qual vivemos é a Eucaristia. No documento “A Eucaristia: comunhão com Cristo e entre nós”, lemos: “Nós não pertencemos ao Corpo de Cristo como se pertence a uma associação social, ou a uma corporação fundada por Jesus, mas, num sentido bem real, por meio da Eucaristia, nós entramos numa união pessoal e profunda com Cristo e, por isso mesmo, uns com os outros.”⁸ Isto é que identifica o ser cristão: uma união profunda e pessoal com Cristo que, como Deus-Homem nos introduz no seio da Santíssima Trindade e, nela, nos unimos aos nossos irmãos. Somente um autêntico encontro com Cristo nos capacita a ser apóstolos, pois o apostolado é, em última análise, a transmissão deste encontro, pelo ser e por palavras.

Não deve haver nada „autenticamente humano” que não seja objetivo de nosso cuidado, assim diz a Gaudium et Spes. Nós temos de nos movimentar em direção às realidades humanas. São João Paulo II desafiou a Igreja: “*Duc in altum!*”. “Faze-te ao largo!” (Lc 5, 4). Avance para as águas mais profundas! O Papa Francisco fala de uma Igreja em saída missionárias, na qual todos os cristãos são missionários que tomam iniciativa, “que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam.”⁹

A nossa resposta a estas grandes expectativas se funda na imagem de Igreja que nosso Pai e Fundador nos transmitiu desde o início, mas particularmente, antes, durante e imediatamente após o Concílio Vaticano II. A imagem da Igreja que já havia se desenvolvido, ao menos em germen, que foi confirmada pelo Concílio e que se consolidou posteriormente, é a mesma que motivou os jovens em Hörde.

Em 17 de novembro de 1965, o Padre José Kentenich disse: “Corresponsabilidade! Mas também corresponsabilidade pelo todo! Isto é o que a Igreja quer hoje.”¹⁰ Sim, a Igreja quer ser sempre mais uma Igreja sinodal. Ele continua

„A Igreja não pode mais viver no gueto hoje! Se vemos a Igreja sempre como uma torre – ela permanece sendo uma torre também hoje – portanto, não se deve dizer que a partir de agora a Igreja é somente um barco, uma embarcação. Se permaneço com a torre, isto não significa que posso dizer que as pessoas tem de dirigir-se à torre. Então preciso dizer que a torre deve ir ao encontro das pessoas.”¹¹

Poucos dias mais tarde (8.12), Padre José Kentenich acentua:

“A Igreja – um barco. Com o termo barco está unida a mobilidade, a dinâmica. Um barco, atravessando ondas e tempestades, ainda que sejam ondas gigantes, e se as ondas colocam o barco em perigo de modo que existe todo tempo a preocupação de que o perigo pode leva-lo ao abismo. Assim a Igreja se vê, assim ela se identifica.”¹²

O que uma tal Igreja pede em nossa vida cotidiana? “A torre deve ir ao encontro das pessoas!” Igreja peregrina, Igreja como braço, estas são imagens que nos apresentam a Igreja particularmente em sua missão na sociedade, em sua missão “*ad extra*”. Ali (no meio do mundo), ela está sujeita a toda sorte de perigos, ali ela é arrancada de seu conforto, ali ela será uma presença significativa se der testemunho da Boa Nova do Evangelho. Portanto, se a Igreja quer estar presente, de modo significativo, em todas as periferias humanas, então ela não pode imaginar e desejar nada confortável. Esta Igreja o Padre José Kentenich diante de si quando disse: “Não ficar calmamente sentado e dizer: se quiserem, então venham! Não, não! Nós vamos ao mundo. Não é o mundo que deve vir até nós, nós devemos ir ao mundo.”¹³ É justamente isto o que o Papa Francisco quer dizer quando retoma as palavras dos Bispos da América Latina: “não podemos ficar tranquilos, em espera passiva, em nossos templos.”¹⁴

Mais uma vez o Padre José Kentenich: “A Igreja atual se identifica como Igreja peregrina, portanto, não aquela pronta em si mesma, não como aquela concluída em si mesma.”¹⁵

O Papa Francisco alerta para o perigo de a Igreja se afastar de seu centro, de seu verdadeiro sentido. Ele diz:

“A Igreja não é uma loja, nem uma agência humanitária; a Igreja não é uma ONG, mas é enviada a levar a todos Cristo e o seu Evangelho; ela não leva a si mesma — seja ela pequena, grande, forte, ou frágil, a Igreja leva Jesus e deve ser como Maria, quando foi visitar Isabel. O que lhe levava Maria? Jesus. A Igreja leva Jesus: este é o centro da Igreja, levar Jesus.”¹⁶

O Papa Francisco alerta: „O nosso compromisso não consiste exclusivamente em ações ou em programas de promoção e assistência; aquilo que o Espírito põe em movimento não é um excesso de ativismo. mas primariamente uma *atenção* prestada ao outro «considerando-o como um só consigo mesmo».”¹⁷ Também o Padre Kentenich nos chama a atenção e ensina a superar o “ativismo doentio”¹⁸

1.2 Deus precisa de nós – nós dissemos sim!... como Maria!

Jesus diz também hoje: “Vós sois a luz do mundo!” (Mt 5, 14). Ser luz no mundo, em todas as realidades do mundo, quem, senão nós como leigos, como Movimento de leigos? “Com a coragem de um Paulo”, mas também sob a proteção da “Rainha dos Apóstolos”. Com que expectativa ela esperou pelo Salvador! Ela se preparou para a vinda do Salvador! Depois de ter recebido a Boa Nova, ela se colocou a caminho para anunciá-la. Nós lemos na Sagrada Escritura:

“Naqueles dias, Maria se levantou e foi às pressas às montanhas, a uma cidade de Judá. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel. Ora, apenas Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança estremeceu no seu seio; e Isabel ficou cheia do Espírito Santo. E exclamou em alta voz: Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre.” (Lc 1, 39-42)

Neste texto bíblico nós encontramos diversos elementos do apostolado. Pelo seu *sim* a Mãe de Deus aceitou sua missão de geradora de Cristo, portadora de Cristo e aquele que traz Cristo. A disponibilidade de dizer sim aos planos de Deus é essencial, mas também é preciso seguir a iniciativa de realizar a missão. Maria tem pressa, ela vai pelas montanhas, ou seja, ela trilha um caminho que não é fácil. A comunicação da Boa Nova não se deu, em primeiro lugar, através de um discurso bem articulado, porém pelo encontro autêntico de duas pessoas, que estão plenas de Deus. O Padre José Kentenich diz que o apostolado “é o borbulhar da interioridade, a inundação da plenitude cristã interior, a plenitude da vida divina”.¹⁹ Mesmo que a dimensão externa do apostolado seja importante, somente quando a ação apostólica for plena da vida divina, se completa o apostolado. Fritz Ernst diz neste sentido: “O curso de nossa missão começa com o apostolado em nós próprios a fim de concretizar-se a palavra do apóstolo: ‘Fieri volo alter Christus. [Eu quero ser um outro Cristo]’²⁰ Deus elege e a pessoa diz o seu sim em liberdade e disponibilidade. O Padre José Kentenich explica este processo da seguinte forma: “Quem chama o apóstolo? Deus onipotente, bondoso e amável, o Deus feito homem. ‘Não fostes vós que me escolhestes, mas eu vos escolhi e vos constituí para que vades e produzais fruto.’ (Jo 15, 16) [...] “O Senhor escolheu também a mim apesar de minha morosidade.”²¹ O Padre José Kentenich continua: “Como o Senhor chama os apóstolos? Ele se adapta à individualidade deles. Ele quer ser amigo, pai, irmão. De modo singelo e distinto, ele os educa para serem seus colaboradores no ministério sacerdotal e pastoral e os chama para os postos mais importantes do seu Reino.”²²

Qual é a resposta de um apóstolo que foi chamado? Segundo o Padre José Kentenich: “Imediatamente! Se Deus chama, então devemos deixar imediatamente tudo para trás. Heroicamente! Eles deixaram tudo. O que isto significa? Eles deixaram a si próprios. Trata-se da atitude. Nós deveríamos poder nos mover em todos os estados.”²³

Nós questionamos: mas como? Ele responde: “De modo duradouro, persistente! [...] Não é para o apostolado constituído, mas para o apostolado leigo que sou chamado, para o qual cada batizado e confirmado é chamado. Sem dúvidas, sou chamado para o apostolado.”²⁴

Aqui se trata do apóstolo em Schoenstatt. Para reconhecer nossa vocação especial, o Padre José Kentenich sugere três questionamentos fundamentais: “1. Eu sou chamado mais elevada perfeição possível de estado? 2. Eu sou chamado ao apostolado em todos os campos possíveis? 3. Como está com meu sentimento mais profundo de responsabilidade?”²⁵

A vocação para a perfeição de estado e apostolado – ambos intensivamente abordados em Hoerde – está unida. O Padre José Kentenich, diz que apostolado é “simultaneamente um excelente meio para a autossantificação. Se atuamos muito apostolicamente, também desperta mais a necessidade de trabalhar em si mesmo.”²⁶

Isto é também aquilo que a Igreja espera de cada cristão. São João Paulo II diz: Todos os crentes em Cristo devem sentir, como parte integrante da sua fé, a solicitude apostólica de transmitir aos outros, pela alegria e luz que ela gera.”²⁷ Neste sentido, o Papa Francisco nos encoraja: “Não tenhas medo de apontar para mais alto, de te deixares amar e libertar por Deus. Não tenhas medo de te deixares guiar pelo Espírito Santo.”²⁸

2 Instrumentos úteis para uma cultura da vida.

Na Sagrada Escritura nós lemos: “Eu vim para todos tenham vida, e a tenham em abundância!” (Jo 10, 10). Nisto consiste a nossa missão como cristãos e apóstolos no espírito da Igreja: sempre e em todo lugar engajar-nos em prol da plenitude da vida humana. A vida humana, a

dignidade humana é fundamental para o nosso apostolado, por isso, será tratado como ponto específico.

Nosso apostolado, em qualquer campo que atuemos, precisa ter como grande e único objetivo o bem integral da pessoa. Para isso, a Igreja precisa de nós, para isso Schoenstatt precisa de nós.

2.1 Encontrar as pessoas onde e como vivem!

Queremos encontrar as pessoas onde e como elas vivem. O nosso Pai e Fundador disse certa vez: “As pessoas que nós queremos salvar não existem mais. E as pessoas que existem, nós não conhecemos.”²⁹ Nós não encontramos pessoas só pelo fato de estarmos juntos com elas. Se não as conhecemos, é impossível que as compreendamos. O Padre José Kentenich continua: “E se nós não as compreendemos, elas não vêm a nós com suas aflições espirituais.”³⁰ O primeiro passo que devemos dar é aquele que nos tira de nosso próprios e abre o nosso coração para os outros a fim de que enxerguemos onde e como eles vivem. O Papa Francisco nos ensina: “A atitude basilar de se auto transcender, rompendo com a consciência isolada e a auto-referencialidade, é a raiz que possibilita todo o cuidado dos outros e do meio ambiente.”³¹

Se queremos servir à vida, encontrar a pessoa efetivamente, então devemos nos questionar: onde encontramos nossos irmãos e irmãs? O que eles querem? De que eles precisam?

Nós ainda não sabemos como chamar a mudança em que vivemos, mas sabemos como ela se apresenta em nível global e em que medida ela impacta sobre o meu mundo pessoal. O Padre José Kentenich diz:

„O que experimentamos hoje é algo que nunca houve na história antes. Trata-se de uma interrupção de tal forma descomunal do desenvolvimento, uma revolução generalizada, que quase não tem mais contato com o passado. O que existia até o momento, repentinamente foi rompido como um fio. E o que deve surgir é algo tão novo para o qual o tempo e o mundo ainda não estão preparados.”³²

Estas palavras do Padre José Kentenich estão tão presentes em nossa vida hoje, porque aquilo que acontece em nível global chega quase simultaneamente ao nosso conhecimento e assim impacta intensamente sobre a nossa vida.

O rasante desenvolvimento tanto no campo da ciência e tecnologia como no mundo do pensamento das ciências humanas formam-se diariamente novas condições e possibilidades que, em grande parte, contribuem para o bem das pessoas, porém, algumas destas novas realidades devem ser rejeitadas uma vez que ferem a dignidade humana. Aqui trata-se do “*discernimento evangélico*”, como ensina o Papa Francisco ou, como conhecemos entre nós, da arte do discernimento dos espíritos. Por isso, é oportuno ao menos mencionar alguns sinais dos tempos que são relevantes para a Igreja.

São João Paulo II diz: “Com as perspectivas abertas pelo progresso científico e tecnológico, nascem outras formas de atentados à dignidade do ser humano...”³³ As mesmas biotecnologias que permitem um diagnóstico pré-natal e consequente intervenção que pode tratar precocemente doenças graves, pode ser usado para uma espécie de “aborto eugênico”. Isto significa, alguém decide que tipo de vida pode ser vivida ou não. Neste sentido, existe a possibilidade de intervenção na vida de tal modo que se pode gerar nova vida segundo desejos próprios. Os especialistas assumem, neste caso, um papel de verdadeiros “baby-designers”. Por outro lado, não se trata apenas da “boa morte” – eutanásia -, porém também da

possibilidade de prolongar artificialmente a vida com ajuda das novas tecnologias. Segundo o ensinamento da Igreja, a “inviolabilidade da vida” é princípio máximo. Não é sempre fácil, também para cristãos, quando se trata de melhorar a qualidade de vida, mas que tem impacto na vida moralmente inaceitável. Aqui é importante lembrar que a Igreja, ao se afastar da visão de Tomás de Aquino (Deus poderia insuflar a alma depois da concepção) quando se trata do início da vida humana, ela ensina agora: a pessoa integral – corpo e alma – são dados na concepção. Aqui há vários desafios. Como participar significativamente o debate sobre a vida humana num ambiente diverso e que associa o início da vida humana ao desenvolvimento neurológico ou que separa a pessoa humana do ser humano, ou como defende o filósofo Peter Singer, quando existe a autoconsciência? As leis de cada país dependem muito destes paradigmas.

Há uma série de sinais de morte formam a cultura de morte. Para o Papa Francisco são estes sinais que definem o que ele chama de periferias humanas. Aqui vale lembrar também: os grandes itinerários do comércio de drogas, a corrupção enraizada, que o Papa Francisco define como câncer para a sociedade. Sim, entre nós, trata-se de condições que fazem parte de nossos novos campos de apostolado. Nossa primeira tarefa não é procurar as pessoas na sacristia, mas no meio do mundo onde estão expostas à miséria, fome, doenças endêmicas, violência e guerras e também à mutilações, tortura física ou espiritual e tentativa de pressão psicológica, condições desumanas de vida, prisões arbitrárias, escravidão, prostituição, feminicídio, comércio de jovens e mulheres, condições indignas de trabalho.³⁴ Cada um e cada uma de nós poderia acrescentar uma série de sinais de morte de acordo com o país e as circunstâncias onde vivemos e atuamos apostolicamente.

Pode ser que a pessoa hoje procure muita coisa num bem de consume, como indicou o filósofo Zygmunt Baumann, ao falar sobre a “sociedade líquida”. Mas também sabemos que as coisas puramente terrenas podem oferecer momentos de felicidade e satisfação, porém não preencher o desejo mais profundo. Não importa em que situação a pessoa se encontre, ela não desiste de sua busca por autorrealização, ela se empenha para conformar de forma significativa a sua história de vida e tomar livremente suas decisões. Neste sentido, lemos no documento de Aparecida: “Entre os aspectos positivos dessa mudança cultural aparece o valor fundamental da pessoa, de sua consciência e experiência, a busca do sentido da vida e da transcendência.”³⁵

Como podemos responder a tudo isso em nosso apostolado? Não queremos apenas reconhecer os sinais do tempo, as circunstâncias de vida de nossa época, mas arregaçar as mangas e assumir, como apóstolos leigos, a tarefa que se desprende deles. Queremos gerar vida, despertar vida, promover vida, uma tarefa que nos é cara desde o início.

O primeiro passo para se engajar efetivamente em prol da cultura da vida é ocupar-se com a dignidade humana à luz de nossa fé, testemunhá-la e empenhar-se para que se torne elemento essencial do desenvolvimento de toda a sociedade.

2.2 Imago Dei: „Criado à imagem de Deus” (Gn 1, 27)

São João Paulo II escreve: “a sociedade inteira deve respeitar, defender e promover a dignidade de toda a pessoa humana, em cada momento e condição da sua vida.”³⁶ Esse é o cerne da missão no mundo, que se espera de nós como apóstolos leigos no espírito da Igreja, como os jovens propuseram em Hörde.

Em virtude da visão antropológica do Concílio Vaticano II e dos debates das ciências humanas a respeito da dignidade humana, a Comissão Teológica Internacional publicou um documento onde tratou particularmente da Imago Dei. Nele foi aprofundado o fundamento imagem de

ser humano do Concílio. É preciso assegurar que a dignidade humana à luz da fé cristã procede da Imago Dei. Nós lemos em Gênesis: “Deus criou o homem à sua imagem; criou-o imagem de Deus, criou o homem e a mulher.” (Gn 1, 27). Acentua-se no referido documento que a *Imago Dei*, isto é, a imagem de Deus é atribuída ao ser humano integral. Nós lemos: “Esta perspectiva exclui as interpretações que fazem residir a *imago Dei* neste ou naquele outro aspecto da natureza humana. [...]ou em uma de suas qualidades ou funções”³⁷

Cristo, a imagem perfeita de Deus, (2 Cor 4,4; Col 1,15; Hb 1,3), dedicou-se sempre à pessoa toda. Ele encontrou uma mulher de outra cultura, ofereceu-lhe “água da vida eterna” (cf. Jo, 4, 1-42). Ele chamou a atenção para o ouro do coração de uma pobre viúva, que ofereceu duas moedas pequenas (Mt 12, 41-42), ele chamou as crianças para junto de si e as abençoou (Mt 19, 12-13); Ele não condenou a mulher pecadora, perdoou-a e lhe indicou um novo caminho de vida “Também eu não te condeno. Vai e não peques mais!” (Jo 8, 11). Ele curou muitas vezes – corpo e alma: “traziam-lhe os doentes e os enfermos [...] E ele curava a todos.” (Mt 4, 24b).

Em todo o lugar onde a vida de alguma forma estava negligenciada, Jesus mostrou como se respeita, protege e promove a vida. Quanto amor, misericórdia e ternura são revelados no Evangelho. A dedicação à vida concreta de cada pessoa nós vemos sempre à luz do Ressuscitado que, em última análise, dá o pleno sentido à vida.

A dignidade humana é, na verdade, o critério que precisa e deve nos orientar cada um em todos os âmbitos da vida. Aqui se trata da contribuição dos cristãos pela vida, isto é, também do nosso apostolado no meio do mundo. A dignidade humana é inerente à pessoa, isto é, ela é sempre plena e não pode ser desvalorizada por alguma ideologia econômica ou cultural, segundo limitações humanas bem como autoconsciência e autonomia diminuídas.

Ser imagem de Deus é ser imagem da Santíssima Trindade. Isto significa que o ser humano é imagem de Deus, segundo sua origem e seu ser, como pessoa e como comunidade. Tão importante quanto é o desenvolvimento da personalidade, também o é a pertença a um agrupamento, comunidade, à família. É na família que se faz a primeira experiência do ser pessoa como imagem da Santíssima Trindade.

Quem de nós já trabalhou ou foi tratado num Centro de Tratamento Intensivo ou numa instituição de saúde mental, quem já esteve numa região de guerra sabe o que significa dignidade humana quando caem todos os títulos e aparências.

Não é por acaso que o Padre José Kentenich, no âmbito da sua libertação do campo de concentração de Dachau abordou diversas vezes este tema. Em Ennabeuren, ao falar da realidade da morada da Santíssima Trindade em nosso coração, ele concluiu: “Onde a pessoa sobe para Deus, em Cristo, ali reluz a dignidade humana sempre mais clara. Posso ser pobre, desprezado, isto não importa.”³⁸ Nas circunstâncias mais cruéis do campo de concentração, o Padre José Kentenich tinha consciência de que estava protegido de qualquer tentativa de atacar a sua dignidade, pois estava profundamente ancorado em Deus. Pouco depois, ele chamou a atenção de que a dignidade humana se tornou realidade no *verbum divinum*, Deus feito homem, e foi revelada na Mãe de Deus.³⁹

A dignidade humana é o fundamento permanente de nosso engajamento em todos os campos possíveis.

3 Ajudar a formar a sociedade de forma decisiva

Nós desempenhar papel decisivo na conformação da sociedade. Tanto o Compêndio da Doutrina Social da Igreja bem como a recente instituição do Dicastério para o Serviço do

Desenvolvimento Humano Integral, entre outros, mostram o quanto a Igreja toma a sério a sua missão no mundo.

São João Paulo II, dirigindo-se a todos os cristãos, convida:

“A todos os membros da Igreja, povo da vida e pela vida, dirijo o mais premente convite para que, juntos, possamos dar novos sinais de esperança a este nosso mundo, esforçando-nos por que cresçam a justiça e a solidariedade e se afirme uma nova cultura da vida humana, para a edificação de uma autêntica civilização da verdade e do amor.”⁴⁰

Com prazer aceitamos este convite, pois cremos, como o Padre José Kentenich: “Se, onde tivermos oportunidade, não intervirmos, poderosa e energicamente na engrenagem do tempo, então apenas sonhamos um lindo sonho da renovação do mundo.”⁴¹

O Papa Francisco nos aponta para os campos concretos que necessitam urgentemente de nossa intervenção. É certo que em todo o lugar e todo o tempo espera-se o nosso engajamento em prol da cultura da vida. Não podemos falar de todos os campos de atuação, mas sabemos que, qualquer que seja, eles estão relacionados com os complexos sistemas econômicos, da justiça social e ecologia. Todos estes campos, embora distintos, estão unidos entre si de tal modo que tratá-los de forma independente é quase impossível.

3.1 Comunicação: como uma rede – conectar-nos globalmente!

Quando se trata da comunicação não podemos esquecer que a necessidade e a habilidade de comunicação nos são dados, em última análise, pelo nosso ser como imagem de Deus. Ao comunicar-se com os seus semelhantes, cada pessoa se doa ao outro. O amor que experimentamos, por Cristo, no seio da Trindade nós comunicamos aos outros e deve ser critério para a comunicação no grande espaço social, mas também em nossa vida cotidiana.

O progresso nos possibilita hoje a estabelece redes globais, o que leva à globalização. Ao lado de tudo de bom que a globalização possibilitou, revelam-se muitos desafios. Os meios de comunicação se transformam sempre em negócios a serviço de interesses econômicos. A profusão de informações que recebemos diariamente não significa que estejamos bem informados. Existe uma pequena série de agências de notícias⁴², dos EUA, Europa e Japão e muitas vezes são elas que nos dizem o que e como devemos alguma coisa. O pesquisador cristão de comunicação, Blásquez, da Espanha, alerta para as informações que nos são passadas já devidamente “prontas”, “pensadas”. Para isso se usa uma terminologia prestigiada na sociedade como: Direitos Humanos, liberdade, democracia. Informações que não garantem grande audiência, mal tem uma chance nos grandes monopólios de comunicação. As berrantes diferenças entre o hemisfério Norte e o Sul são muitas vezes levadas ao extremo. No Norte estariam os assim chamados países dos sonhos, no Sul, pelo contrário, pobreza e violência. Desde modo, esquece-se a riqueza humana e o tesouro da cultura. Não se deve apenas considerar a confiabilidade das notícias, mas também o peso que se dá a alguns aspectos e a omissão de outros.

Aqui podemos acrescentar a “colonização ideológica”, como ressalta o Papa Francisco, que em última análise é amplamente propagada pelos meios de comunicação. O Papa explica: “Esta é a colonização ideológica: invadem um povo com uma ideia que não tem nada a ver com o povo: com grupos do povo, sim; mas não com o povo. E colonizam o povo com uma ideia que altera ou quer alterar uma mentalidade ou uma estrutura”⁴³ O Papa deu como exemplo a ajuda recebida para a impressão de livros para crianças na Argentina. Como contraproposta da ajuda,

exigiram que um capítulo do livro fosse dedicado à divulgação da ideologia de gênero. As necessidades básicas de um grupo são usadas como moeda de troca de uma ideologia.

Qual é o desafio neste campo? Na mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2019 lemos: “Enquanto cabe aos governos buscar as vias de regulamentação legal para salvar a visão originária duma rede livre, aberta e segura, é responsabilidade ao alcance de todos nós promover um uso positivo da mesma.”⁴⁴

Também no campo da comunicação o novo não deve nos assustar e não o devemos ver como algo em princípio, negativo. Os novos meios de comunicação nos oferecerem possibilidades de anunciar o Evangelho e levar o mundo de Schoenstatt para os diversos países e também consolidar e expandir nosso vínculos como membros de uma Família global.

Quando olhamos para o mundo da comunicação à nossa volta, então constatamos: Mesmo que seja muito a possibilidade oferecida para conhecer outros países e culturas, a imersão na lama de uma cultura necessita de contatos pessoais ou ao menos que os meios de comunicação nos aproximem o máximo uns dos outros. A este respeito, o Papa Francisco diz:

“Do ‘like’ ao ‘amém’. A imagem do corpo e dos membros recorda-nos que o uso da social web é complementar do encontro em carne e osso, vivido através do corpo, do coração, dos olhos, da contemplação, da respiração do outro. Se a rede for usada como prolongamento ou expetição de tal encontro, então não se atraiçoa a si mesma e permanece um recurso para a comunhão.”⁴⁵

Os meios de comunicação são sempre só meios, mas nem por isso menos importantes em nossa vida pessoal e comunitária.

3.2 Sustentabilidade: pensar sustentável – agir sustentável

Já no ano de 1713, depois de viajar pela Europa e conhecer a realidade das florestas, Carl von Carlowitz escreveu a obra *Sylvicultura oeconomica*. Ele faz uma crítica aos ganhos rápidos na silvicultura e sugeriu que não se derrubassem mais árvores do que a capacidade de as florestas se recompem. A isso ele chamou de sustentabilidade. Após mais de 300 anos, voltou-se a usar este termo. No ano de 1970 o Clube de Roma⁴⁶ fez um alerta sobre os limites do crescimento e questionaram o futuro da humanidade. Na sequência, multiplicaram-se os grupos que se ocuparam com o tema e exigiram um novo estilo de vida. Inicialmente, os diferentes âmbitos sociais eram vistos de forma distinta. Isto nos mostram os grandes eventos da comunidade internacional: o Fórum Social, a Conferência do Clima da ONU e o Fórum Econômico Mundial seguem caminhos diferentes sem abertura para o diálogo entre si.

Nos anos de 1990, Elkington desenvolveu o tripé da sustentabilidade. Sustentabilidade engloba três dimensões, ou seja: economia, ecologia e justiça social. Quando falamos de sustentabilidade nos remetemos ao mesmo tempo aos sistemas econômicos, proteção ao meio ambiente e justiça social. O compêndio da Doutrina Social da Igreja nos mostra a ligação destas três dimensões. A Igreja se sente chamada ao serviço da pessoa integral. Ela tem diante de si cada pessoa e a pessoa integral. Cada ação da Igreja vale para a salvação do ser humano integral.

A tarefa principal da política é garantir uma ordem social justa e solidária. O fundamento é o respeito diante da dignidade humana, ao assegurar a cada cidadão a livre configuração de vida,

liberdade religiosa, entre outros. Porém, a submissão da política ao sistema financeiro faz com que países soberanos politicamente se tornem são marcadamente dependentes de potências econômicas. A autorregulação do mercado sem diretrizes éticas tem como consequência imediata uma sociedade onde os cidadãos são valorizados de acordo com seus bens. O Papa Francisco diz: “O dinheiro deve servir, e não governar!”⁴⁷ Quando ele não serve à vida, ao lado de ganhos sempre maiores e mais rápidos, se expande rapidamente a pobreza, exclusão e as periferias sociais e existenciais. Isto também contribui para que mais gente se coloca a caminho na esperança de encontrar uma vida melhor. Este é um grande desafio não somente pela necessidade de saber encontrar novas culturas, mas também porque soluções definitivas são difíceis de alcançar. No sentido da cultura do descarte, que inclui os seres humanos não produtivos, o Papa Francisco afirma que “os migrantes são o símbolo de todos os descartados da sociedade globalizada”⁴⁸

Nós lemos muitas nas manchetes, especialmente quando se trata dos migrantes em alto mar, algo assim: “A solidariedade não é suficiente!” De um lado, a migração é um problema global, por isso, as soluções também devem ser globais. Por outro, tais manchetes mostram a separação entre política e solidariedade. O Papa Francisco nos lembra que a boa política é uma forma superior de amor ao próximo. Neste campo, a Igreja tem um grande campo missão. São João Paulo II recomenda: “Os emigrantes “fogem da opressão política e da miséria desumana, da fome e da seca que assume dimensões catastróficas. A Igreja deve acolhê-los no âmbito da sua solicitude apostólica.”⁴⁹ Nós somos desafiados a nos engajar para acolher os migrantes e a ajudá-los. Deveríamos também a nos preparar e, como liderança, nos engajar nas estruturas mais amplas da sociedade e da política. O Padre José Kentenich diz:

„Se o santo moderno deve resolver, sobretudo, os problemas sociais e se nós cremos sermos chamados pela Mãe de Deus a contribuir na renovação do mundo moderno, então deveríamos ter bem claro a meta. Não podemos fazer outra coisa do que humildemente juntar as mãos: Aqui estou, envia-me, forma-me!”⁵⁰

Sim, primeiro juntar as mãos, então para o meio do mundo. Primeiro preparar-nos para que estejamos à altura dos desafios, que são muito complexos.

Aqui é preciso também mencionar as condições de trabalho e o desemprego em nível mundial. É uma consequência de uma sociedade que negligencia o bem da pessoa e fere sua dignidade. Como são as pessoas que encontramos no mundo do trabalho? O nosso Pai e Fundador diz: “O trabalhador moderno está desempregado, sem sentido de vida, sem esperança, sem abrigo.”⁵¹ Sem trabalho criativo não somente as coisas terrenas não estão garantidas, também a participação na criação de Deus não é possível. A profissão é ocupação criativa e, como tal, elemento essencial de autorrealização. O Padre José Kentenich diz:

“Quando a pessoa tem uma verdadeira profissão, ela pode desenvolver sua força interior e criativa. Onde ela pode ser criadora numa verdadeira e autêntica profissão, ali também o mais o profundo anseio do seu ser está, de alguma forma, satisfeito. Quando, porém, a pessoa não pode ser criadora, ali ela é uma mera executora.”⁵²

Não podemos abordar todas as características do trabalhador moderno, mas fica a pergunta: até que ponto o trabalhador de hoje não tem sentido de vida, está sem esperança e se sente desabrigado? Como podemos ajuda-lo com nossa espiritualidade e da pedagogia de Schoenstatt?

Outra dimensão da sustentabilidade é a questão do meio ambiente. Quando os debates sobre os desafios no âmbito da proteção do meio ambiente se consolidaram em vários círculos da sociedade, se manifestaram especialmente duas vozes, ou seja, Lynn White⁵³, da Califórnia, e Carl Amery,⁵⁴ da Alemanha, que atribuíram a destruição do meio ambiente aos cristãos. Muitos, entre eles também cristãos, aceitaram isso sem qualquer questionamento. Uma resposta adequada era de se esperar, em primeiro lugar, da Teologia da Criação, porém também de todos os cristãos. Na Sagrada Escritura, lemos: “O Senhor Deus tomou o homem e colocou-o no jardim do Éden para cultivá-lo e guardá-lo.” (Gn 2, 15). Portanto, o ser humano pode intervir criativamente, deve cuidar do jardim e, de forma alguma, destruí-lo.

A Igreja defende sempre de novo os recursos como direitos humanos. Trata-se particularmente recursos básicos para a existência humana como água, ar e similares. O Papa Francisco escreve: A submissão da política à tecnologia e à finança demonstra-se na falência das cimeiras mundiais sobre o meio ambiente.”⁵⁵ Em encíclica *Laudato Si*, o Papa renuncia a conceitos filosóficos sobre a sustentabilidade e se concentra na ação prática, fundamentada na Criação divina. Ele alerta:

“Infelizmente, muitos esforços na busca de soluções concretas para a crise ambiental acabam, com frequência, frustrados não só pela recusa dos poderosos, mas também pelo desinteresse dos outros. As atitudes que dificultam os caminhos de solução, mesmo entre os crentes, vão da negação do problema à indiferença, à resignação acomodada ou à confiança cega nas soluções técnicas. Precisamos de nova solidariedade universal.”⁵⁶

Aqui vale citar particularmente a vinculação profética e sacerdotal às coisas.⁵⁷ A criação conduz o ser humano ao Criador, mas também entoa um hino de louvor ao criador e, para isso, precisa da voz do ser humano. Isto nos desafia a perceber o verdadeiro sentido das coisas em nossa vida cotidiana. Podemos possuir coisas e valores econômicos para a nossa livre configuração de vida e apostolado, porém, como ensina o Padre José Kentenich, “âmbito dos limites desejados por Deus” e em sua dependência.⁵⁸

Padre José Kentenich nos mostra como se pode interpretar a relação de Cristo com a natureza. Ele diz a este respeito:

“Leiam, por favor, como o Senhor, assim como é apresentado na Sagrada Escritura, tinha uma sensibilidade extraordinariamente delicada para com a natureza, como ele tinha um órgão para as belezas da natureza, como ele sempre de novo apontou para as magnificências da criatura, da natureza, e como ele próprio se tornou afetuosamente para com aquele que criou tudo isso.”⁵⁹

Ele continua: “As senhoras não acham que com a Mãe de Deus aconteceu o mesmo? Não é natural que quando identificamos algo grandioso, que o reconhecemos interiormente e louvamos e glorificamos aquele que fez tudo isso, que chamou tudo isso à vida? Oração de louvor!”⁶⁰

Maria foi pelas montanhas visitar sua prima Isabel. Ali ela teve intenso contato com a natureza. Com que alegria ela não agradeceu a Deus por cada criatura?

Nós deduzimos: ao colocar em prática a nossa fé na criação e a vinculação sacerdotal e proféticas às coisas na vida cotidiana nos tornamos autênticos amigos da natureza no sentido dos apelos da encíclica *Laudato Si*.

REFLEXÃO (ANEXO)

Considerações finais

Como Maria, nós temos pressa, queremos colocar-nos *imediatamente* a caminho para alcançar todas as periferias humanas e existenciais. Queremos encontrar as pessoas na sua vida cotidiana, mas também engajar-nos para que Schoenstatt promova, forme e apoio lideranças capacitadas para exercer suas atividades em postos de liderança da sociedade, na política e na economia, de modo a intervir significativamente nestas instâncias. Assim a renovação mundial não se reduz a um lindo sonho, como o Pai e Fundador alertou.

- Nós partimos como leigo, na consciência de seremos enviados de novo com a Igreja, para a como Igreja a fim de levar a luz do Evangelho até os confins da terra.
- Nós queremos nos engajar para que, em todos os lugares onde atuamos apostolicamente, a pessoa e a dignidade humana sejam colocadas no centro e se tornem a diretriz para a ordem social.
- Queremos usar nossos bens nos limites desejados por Deus e usá-los para o desenvolvimento de todas as pessoas que nos são confiadas. Não somente o alarme das ciências, mas particularmente nossa vinculação profética e sacerdotal às coisas, nos levam a relacionar-nos de forma responsável com a criação.
- Nós aproveitamos as possibilidades que nos são oferecidas pelos meios de comunicação para anunciar o Evangelho, promover o diálogo e a unir pessoas. Queremos ajudar-nos reciprocamente para que nossos meios de comunicação deem testemunho daquilo que sempre foi muito caro para o Pai e Fundador: os valores da liberdade e verdade.
- Com nosso Pai e Fundador, nós vamos ao encontro das pessoas lá onde elas se encontram e como vivem. Nós lhes transmitimos a fonte da verdadeira alegria. Queremos tornar-lhes visível o amor e a misericórdia de Deus através do nosso ser e palavra.
- Nós partimos como e com o Pai e Fundador e vinculamos as pessoas, na aliança de amor, lá onde o laço de amor foi rompido. Queremos viver comunidade e família, segundo a imagem da Santíssima Trindade, na Igreja e na sociedade.

Após 100 anos, nós queremos olhar cheios de esperança para o futuro e deixar-nos enviar novamente. Não somente a juventude, que sempre de novo é encorajada a propor-se metas mais elevadas, mas todas as pessoas de coração juvenil, tenham elas 70 ou 80 anos, cada dia de novo, devem se entregar à Mãe e Educadora e não temer as elevadas metas e aspirações dos jovens em Hörde. Somente assim podemos ser, em cada lugar e época, a partir do Santuário, um apóstolo com a coragem de Paulo.

-
- 1 Dr.^a Geni Maria Hoss
Encontro – fim de semana internacional, agosto de 2019.
 - 2 José Kentenich, *Rumo ao Céu*, n. 8. Disponível em: <http://schhw.net/pt/index.htm>
 - 3 Schönstattwerk Paderborn. *Hörder Dokumente*. Paderborn: Bonifacius-Druckerei, 1969, S.73
 - 4 João Paulo. II. *Redemptoris Missio*, 1990, n. 37, Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/encyclicals.index.html>
 - 5 Concílio Vaticano II. *Gaudium et Spes*, n. 1, Disponível em:
http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/index_ge.htm
 - 6 Concílio Vaticano II. *Gaudium et Spes*, n. 1, Disponível em:
http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/index_ge.htm
 - 7 Johannes Paul II. *Ecclesia de Eucharistia* 2003, N. 1, Disponível em:
<http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/encyclicals.index.html>
 - 8 Pontifício Comitê para os Congressos Eucarísticos Internacionais, 2012, n. 10. Disponível em:
http://www.vatican.va/roman_curia/pont_committees/eucharist-congr/index_po.htm
 - 9 Papa Francisco. *Evangelii Gaudium*, 2013, n. 24. Disponível em:
http://w2.vatican.va/content/francesco/it/apost_exhortations.index.html
 - 10 Josef Kentenich. *Die Fesseln sind gefallen*: Romvorträge I, 17.-23.11.1965. Hrsg. Schönstatt-Patres International, Berg Sion 1, 56179 Vallendar
 - 11 Josef Kentenich. *Die Fesseln sind gefallen*: Romvorträge I, 17.-23.11.1965. Hrsg. Schönstatt-Patres International, Berg Sion 1, 56179 Vallendar
 - 12 Josef Kentenich. *Die Fesseln sind gefallen*: Vorträge in Rom 4.-10.12.1965, 2.2.1966. Hrsg. Schönstatt-Patres International, Berg Sion 1, 56179 Vallendar
 - 13 Josef Kentenich, Romvortrag 11. 12. 1965.
 - 14 Papa Francisco. *Evangelii Gaudium*, 2013, n. 15. Disponível em:
<http://w2.vatican.va/content/francesco/it/encyclicals.index.html>
 - 15 Josef Kentenich. *Die Fesseln sind gefallen*: Vorträge in Rom 4.-10.12.1965, 2.2.1966.
 - 16 Papa Francisco. Audiência de 23 de outubro de 2013. Disponível em:
<http://w2.vatican.va/content/francesco/de/audiences/2013.index.html>
 - 17 Papa Francisco. *Evangelii Gaudium*, 2013, n. 199. Disponível em:
http://w2.vatican.va/content/francesco/it/apost_exhortations.index.html
 - 18 Siehe: Terziat der Pallottinerpatres in Santa Maria/Brasilien vom 16.2. - 5.3. 1952. 2. Band: Vorträge 17 bis 33, Schönstatt 1972, 108-120, S. 115.
 - 19 Josef Kentenich. *Romvortrag*, 17. 11. 1965.
 - 20 Schönstattwerk Paderborn. *Hörder Dokumente*. Paderborn: Bonifacius-Druckerei, 1969, p. 77.
 - 21 Josef Kentenich, Exerziten Ostern 1925.
 - 22 Josef Kentenich, Exerziten Ostern 1925.
 - 23 Josef Kentenich, Exerziten Ostern 1925.
 - 24 Josef Kentenich, Exerziten Ostern 1925.
 - 25 Josef Kentenich, Exerziten Ostern 1925.
 - 26 Josef Kentenich. *Jahrestagung der Schönstatt-Frauenliga (1951)*: Vorträge unseres Gründers Schönstatt 1978, 118 S.
 - 27 Johannes Paul, Enzyklika *Redemptoris Missio*, 1990, n. 40, <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/encyclicals.index.html>.
 - 28 Papa Francisco. *Gaudete Exsultate* (GE), 2018.n. 34. Disponível em:
http://w2.vatican.va/content/francesco/de/apost_exhortations.index.html
 - 29 Josef Kentenich. *Zur sozialen Frage*: Industriepädagogische Tagung. Vallendar: Schönstatt-Verlag, 1997, S.281.
 - 30 Josef Kentenich. *Zur sozialen Frage*: Industriepädagogische Tagung. Vallendar: Schönstatt-Verlag, 1997, S.281.
 - 31 Papa Francisco. *Encíclica Laudato Si*, 2015, n. 208. Disponível em:
<http://w2.vatican.va/content/francesco/en/encyclicals.index.html>
 - 32 Propheta locutus est. Vorträge und Ansprachen von P.J. Kentenich aus seinen drei letzten Lebensjahren, Band X 1966, Berg Sion 1997, 217-224

-
- ³³ João Paulo II. *Evangelium Vitae*, 1995, n. 4. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/encyclicals.index.html>.
- ³⁴ Cf.: Johannes Paul II. *Evangelium Vitae*, 1995, n.3; Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/encyclicals.index.html>.
- ³⁵ Documento de Aparecida, 2007, n. 52.
- ³⁶ João Paulo II. *Evangelium Vitae*, 1995, n. 81, Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/encyclicals.index.html>.
- ³⁷ Comissão Teológica Internacional, *Comunhão e Serviço*, 2004, n. 9. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20040723_communion-stewardship_ge.html
- ³⁸ Von der Würde des christlichen Menschenbildes. Vortrag in der Pfarrkirche in Ennabeuren, in: *Unsere Marianische Sendung IV*, Liebfrauenhöhe 1982, S. 213-219.
- ³⁹ Siehe: Exerzitien für Marienschwestern vom 29. Juli bis 3. August 1945: Der Freiheitskampf um das gottgeprägte Menschen- und Frauenbild - Es werde Maria.
- ⁴⁰ João Paulo II. *Evangelium Vitae*, 1995, n. 06. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/encyclicals.index.html>
- ⁴¹ Josef Kentenich. *Zur sozialen Frage*: Industriepädagogische Tagung. Vallendar: Schönstatt-Verlag, 1997, S. 122.
- ⁴² AP (EUA), DPA (Alemanha), France Press (França), Reuters (Inglaterra), EFE (Espanha) JP (Japão),
- ⁴³ Papa Francisco. *Conferência de Imprensa*: 15/01/2019. Disponível em: http://m.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/january/documents/papa-francesco_20150119_srilanka-filippine-conferenza-stampa.html
- ⁴⁴ Papa Francisco. Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações 2019. URL: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications.index.html#messages>
- ⁴⁵ Papa Francisco. Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações 2019. URL: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications.index.html#messages>
- ⁴⁶ Grupo de ilustres de várias áreas que se uniram para fazer algo concreto em prol da economia, política, especialmente pelo planeta.
- ⁴⁷ Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*. 2013, N. 58. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/it/apost_exhortations.index.html
- ⁴⁸ Papa Francisco. *Homilia*: 08/07/2019. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-07/papa-francesco-missa-memoria-migrantes-lampedusa.html>
- ⁴⁹ Johannes Paul II. *Redemptoris Missio*, N. 37, unter: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/encyclicals.index.html>.
- ⁵⁰ Josef Kentenich. *Zur sozialen Frage*: Industriepädagogische Tagung. Vallendar: Schönstatt-Verlag, 1997, S. 467.
- ⁵¹ Josef Kentenich. *Zur sozialen Frage*: Industriepädagogische Tagung. Vallendar: Schönstatt-Verlag, 1997, S. 446.
- ⁵² Josef Kentenich. *Zu sozialen Frage*: IX. Vortrag (12. Juni 1930) Ergebnis der Analyse - Ziele des Lohnarbeiters
- ⁵³ Cf. LYNN, White. *The Historical Roots of Our Ecological Crisis*. URL: <http://www.uvm.edu/~gflomenh/ENV-NGO-PA395/articles/Lynn-White.pdf>.
- ⁵⁴ Carl Amery. *Das Ende der Vorsehung*. Die gnadenlosen Folgen des Christentums, 1972.
- ⁵⁵ Papa Francisco, *Laudato Si*, 2015, N. 54, unter: <http://w2.vatican.va/content/francesco/en/encyclicals.index.html>
- ⁵⁶ Papa Francisco, *Laudato Si*, 2015, N. 14, unter: <http://w2.vatican.va/content/francesco/en/encyclicals.index.html>
- ⁵⁷ Cf. Annete Nailis, *Werktagsheiligkeit*. Limburg: Lahn-Verlag Limburg, 1964, S. 122ff.
- ⁵⁸ Cf: Josef Kentenich. *Zur sozialen Frage*: Industriepädagogische Tagung. Vallendar: Schönstatt-Verlag, 1997, S. 290.
- ⁵⁹ José Kentenich. Exerzitienvorträge von Pater Josef Kentenich zur Vorbereitung auf die Mitglieds-Lebensweihe der Schönstatt-Frauenliga, 6.-9. September 1951, S. 153.
- ⁶⁰ Exerzitienvorträge von Pater Josef Kentenich zur Vorbereitung auf die Mitglieds-Lebensweihe der Schönstatt-Frauenliga, 6.-9. September 1951, S. 153.